

O SENSO POLÍTICO PROFANO COMO PRÁTICA
OU COMO A POLÍTICA PODERIA SER

*EL SENTIDO POLÍTICO COMO PRÁCTICA
O CÓMO LA POLÍTICA PODRÍA SER*

*THE POLITICAL SENSE AS PRACTICE
OR AS POLITICS COULD BE*

*Alexandre Aparecido dos SANTOS**

RESUMO: O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa sobre o pensar-fazer político de eleitores sem filiação partidária residentes em uma cidade de pequeno porte no interior paulista. Pesquisa que teve como um de seus objetivos: perceber e objetivar a relação entre os bens simbólicos produzidos e veiculados pelo campo político e o modo pelo qual os agentes consumidores desses bens simbólicos constroem suas percepções diante do cenário político municipal e nacional. E, ao resultar na produção de um conhecimento relacional sobre o pensar-fazer político desses eleitores, nos permite apresentar o senso político enquanto expressão de uma prática política que está para além da ideia de uma simples manipulação oriunda do efeito de encerramento simbólico produzido pelo campo político nacional.

PALAVRAS – CHAVE: Eleitores. Trajetória. Senso político. Prática. Discurso.

RESUMEN: *Este artículo presenta parte de los resultados de una investigación sobre el pensar-hacer político de votantes sin afiliación partidista residentes en una pequeña ciudad del interior de São Paulo. La investigación tuvo como objetivo percibir la relación entre los bienes simbólicos producidos y vehiculados por los dispositivos del campo mediático sobre las disputas y dinámicas del campo político*

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Faculdade de Educação. TRAMAS - Laboratório de pesquisa em educação, transmissão intergeracional, trabalho e política - USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5901-8262>. Contato: alexandre.sociais@hotmail.com.

nacional y la forma en que los agentes que consumen estos bienes simbólicos construyen sus percepciones frente al escenario político municipal y nacional. Al resultar en la producción de conocimiento relacional sobre el pensar-hacer político de estos votantes, esta investigación nos permite presentar el sentido político como expresión de una práctica política que va más allá de la idea de simple manipulación por dispositivos en el campo de los medios de comunicación o del campo político nacional.

PALABRAS CLAVE: *Votantes. Trayectoria. Sentido político. Práctica. Discurso.*

ABSTRACT: *This paper presents part of the research results on the political thinking-doing of voters without party affiliation living in a small city in the countryside of São Paulo. The research aimed to perceive the relationship between the symbolic goods produced and conveyed by the media field devices on the disputes and dynamics of the national political field and how the consumer agents of these symbolic goods construct their perceptions before the municipal and national political scenario. By resulting in the production of a relational knowledge about the political thinking-doing of these voters, this research allows us to present the political sense as an expression of a political practice that is beyond the idea of a simple manipulation by the media field devices or the national political field.*

KEYWORDS: *Voters. Trajectory. Political sense. Practice. Discourse.*

Introdução

Esse trabalho apresenta parte dos resultados de nossa pesquisa sobre o pensar-fazer político de eleitores sem filiação partidária que residem no município de Américo Brasiliense-SP¹, uma cidade de pequeno porte² no interior paulista (Santos, 2021). A pesquisa teve como um de seus objetivos: perceber e objetivar a relação entre os bens simbólicos (Bourdieu, 1997) produzidos e veiculados pelo campo político (Bourdieu, 2002) e o modo pelo qual os agentes consumidores desses bens simbólicos constroem suas percepções diante do cenário político municipal e nacional.

¹ A história de Américo Brasiliense-SP é entrelaçada à história do município de Araraquara-SP, do qual chegou a ser um distrito – criado oficialmente em 1923 – até sua emancipação no ano de 1965. Contemporaneamente as cidades vivenciam um processo de conurbação que reflete esse entrelaçamento histórico.

² O município faz parte dos 87,6% dos municípios do país (4.893 cidades) que possuem uma população igual ou menor a 50.000 habitantes. (IBGE, 2024).

A construção prática/metodológica da pesquisa se deu por dois momentos de campo – nos quais foram realizadas entrevistas individuais e presenciais, orientadas por dois roteiros semiestruturados – que tiveram como resultado: a) a reconstrução da trajetória social (Bourdieu, 2011a) dos eleitores interlocutores³ (Oliveira, 1995), no primeiro momento; b) o acesso aos discursos políticos e a algumas das escolhas dos eleitores interlocutores diante da política profissional, no segundo momento de entrevistas.

As relações entre esses elementos, as trajetórias sociais⁴ e os discursos políticos dos interlocutores, foram analisadas de um ponto de vista etnográfico, possibilitando a construção de um conhecimento relacional sobre o senso político (Bourdieu, 2007) desses agentes.

Esse conhecimento permitiu apresentar esse senso político como a expressão de uma prática política que está para além da ideia de uma simples manipulação por parte dos efeitos de encerramento (Bourdieu, 2007) produzidos pelo campo político nacional, uma vez que essa prática (Bourdieu, 1983b) expressa a agência (Bourdieu, 2011a) desses eleitores frente aos cenários políticos de seu dia a dia.

O pensamento político profano

Ao assumir que o fazer-pensar político dos interlocutores dessa pesquisa é resultado das disposições (Bourdieu, 1983b, p. 61) adquiridas ao longo de suas trajetórias e que se permitem perceber enquanto um senso político, não o fazemos com o intuito de rotular esses discursos políticos como algo mecânico, passível de estratégias de manipulação, pelo contrário. Assumimos esse ponto de vista para entender esses discursos enquanto agências (Bourdieu, 2011a) políticas formuladas a partir da relação dialética entre a trajetória de cada agente e o lugar social em que o mesmo se encontra.

Dizer que essas agências são reflexivas, e que por isso extrapolam a ideia de uma simples manipulação, não vai contra a ideia de entendê-las como expressão de um senso político possibilitado por um *habitus* (Bourdieu, 1983a), mas é

Perceber que papel pode a reflexividade desempenhar na orientação da acção implica ter noção de que as deliberações reflexivas não são o único mecanismo de definição das condutas humanas. Para que um indivíduo seja um agente socialmente competente não pode estar num estado permanente de alerta e pen-

³ O contato com os eleitores interlocutores (Oliveira, 1995) se deu, tal qual em Lahire (2004) e Caetano (2016), por meio de redes de sociabilidade.

⁴ A reconstrução das trajetórias sociais se deu por informações referentes a: i) formação familiar e dinâmica geracional; ii) percurso escolar; iii) percurso profissional; iv) práticas religiosas; v) práticas de sociabilidade e lazer.

sar em cada passo do seu cotidiano. Muitas das ações rotineiras do dia-a-dia processam-se precisamente sob a orientação do sentido prático. (Caetano, 2013, p. 44).

Reconhecer a relação entre o senso político profano (Bourdieu, 2011b) e essas agências é reconhecer no *habitus* a “capacidade infinita de engendrar em toda a liberdade (controlada) produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – que sempre têm como limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção” (Bourdieu, 2007, p. 91). É entender “que actividades habituais e rotineiras não possam ser objecto de reflexão por parte dos sujeitos em determinadas circunstâncias, como momentos de crise e desajuste, tal como Bourdieu preconizou” (Caetano, 2013, p. 44).

Uma vez que o sistema político representativo em nosso país vive, pelo menos desde 2016, um momento de desconfiança na política que afeta o papel do Estado e a relação dos cidadãos com o sistema democrático de modo geral (Moisés; Carneiro, 2008), e que pode ser entendido enquanto uma situação de crise na política institucional, eleitoral e partidária, buscamos perceber como a noção de política aparece no fazer-pensar-reflexivo dos interlocutores.

Iniciamos a apresentação dos modos pelos quais a noção de política apareceu nos discursos dos interlocutores por uma afirmação formulada por Elias⁵:

Eu sou criado lá atrás, nasci em 1974. E aí nunca ninguém falou de política para mim entendeu? O pouco que eu vejo é no dia a dia, por que ninguém veio falar de política para mim? Se você perguntar quem falou de política para mim? Eu vejo no dia a dia o que acontece. (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

Essa afirmação de Elias⁶ remete a uma constante presente em diversos discursos ao longo deste trabalho, a necessidade de uma educação política formal para todos os cidadãos do país, uma educação sobre política que integrasse o currículo escolar para que os cidadãos tenham o conhecimento necessário em relação ao sistema político do qual fazem parte.

A afirmação de Elias também permite retomar a ideia de que a noção de política é polissêmica, tendo em vista os distintos contextos, valores e significados que podem ser ligados a ela. Uma vez que para Carlos⁷, por exemplo, “Fazer política

⁵ Elias tem quarenta e quatro anos e é natural de Américo Brasileiro. É borracheiro, filho de um tratorista e uma dona de casa (não escolarizados). Possui ensino médio completo (escola pública). É casado e pai de três filhos, uma menina (ensino médio completo) e dois meninos (cursando o ensino fundamental). (Santos, 2021)

⁶ Todos os nomes ligados aos interlocutores são fictícios.

⁷ Carlos tem trinta e quatro anos e é natural da cidade de Matão, reside em Américo faz quinze anos. Afirma não ter profissão, atua como mototaxista, é filho de lavradores (ensino fundamental incompleto).

é cuidar da sua saúde, do seu bem-estar e do seu futuro, não acontece geralmente por falta de desinformação do próprio cidadão” (Trecho do depoimento de Carlos, realizado em dez/2019).

O sentido atribuído à política por Carlos, de busca por melhores condições de vida, é muito próximo, mas por uma questão ligada à trajetória de cada agente – que resgata a ideia de que a noção de política está intimamente ligada às questões de alteridade, em que uma mesma ação pode ter significados totalmente diferentes dependendo do contexto em que se situa e se realiza – ao mesmo tempo se diferencia do sentido atribuído à política por Ailton⁸:

Eu acho que fazer política tem a ver com o cenário político, ele precisa ser o mais homogêneo para todo mundo tentar buscar o bem comum e não só os interesses, os interesses deles né. Eu acho meio difícil estar lá e não buscar o próprio interesse, mas pelo menos tentar buscar o interesse coletivo, isso é o que deveria existir tem uma meia dúzia lá que faz isso, mas ainda é pouco. (Trecho do depoimento de Ailton, realizado em nov/2019).

Para Ailton, a noção de política está ligada à busca por um bem comum, para que o maior número de pessoas possa conseguir melhores condições de vida. Já para Helena⁹ a noção de política se resume a um jogo de interesses:

Eu acredito que a política, é tudo um jogo de interesse. [...] Você não tem que ser fiel àquilo que você quer, você tem que saber lidar e tipo assim saber ceder em algumas partes para poder ganhar sabe? Tem que fazer essa troca, não sei se você está me entendendo, fazer acordos (Trecho do depoimento de Helena, realizado em mar/2020).

O sentido atribuído à política por Helena se aproxima do sentido que aparece no discurso de Elias, apesar das proximidades os sentidos dados a noção de política mantêm suas particularidades tendo em vista o senso político dos interlocutores.

Para Elias a ideia de interesse está ligada à noção de política, mas enquanto representação dos interesses dos eleitores:

Possui ensino médio completo (escola pública) e formação técnica em mecânica e profissionalizante em serralheria. (Santos, 2021)

⁸ Ailton tem trinta anos. Nascido na região norte do país, reside em Américo há vinte anos. Solteiro. Filho de um funcionário público (ensino médio completo) e uma dona de casa (cursando o ensino fundamental). Possui ensino médio completo (escola pública) e formação superior em logística, área na qual trabalha. (Santos, 2021).

⁹ Helena tem vinte e sete anos e é natural de Américo Brasiliense. É casada. Filha de uma dona de casa e de um trabalhador aposentado da usina local (ambos com ensino fundamental incompleto). Possui ensino médio completo (escola pública) e formação superior em administração pública, área na qual trabalha. (Santos, 2021).

Política seria assim, os representantes né, você escolhe, eu vou votar em você para representante, você vai lá defender o que você propôs, eu propus que vou trazer mais médicos, mais segurança, mais isso, mais aquilo. Seria um representante do povo junto ao governo, porque você não vai conseguir falar com o Dória, não vai conseguir falar com o Bolsonaro, quem que vai representar você? O cara que você votou, que você elegeu. (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

Nos discursos políticos formulados pelos interlocutores foi possível perceber um descontentamento com a atual política praticada em nosso país, por isso buscamos perceber também como eles entendem que deveria ser a política de uma forma geral. Iniciando pelo discurso de Nilton¹⁰:

Primeiramente eu acho que não poderia ser qualquer um que entrasse lá. Eu acredito que tinha que ser uma pessoa formada para isso, um exemplo, eu não sei se hoje tem uma faculdade específica para isso, mas eu acredito que o cara tinha que ser formado no mínimo numa faculdade voltada a isso e que tivesse leis mais severas para essa categoria e que os salários não fossem tão altos que partisse do princípio do salário mínimo, porque só assim a população também teria um reflexo maior, não ia ter essa desigualdade tão grande de um governador do estado ganhar se não me falha a memória perto dos 20 mil reais e o salário mínimo ser 1000 reais. O cara está lá por quê? Está lá pelo dinheiro ou está lá porque ele quer uma melhora para o estado? Então eu acredito que tem que ser uma pessoa que seja estudada, que saiba o que está fazendo, e que esteja lá realmente para a população e não pelo dinheiro do cofre público. São muitas coisas que nem igual eu falei do hospital público, eu acredito que eles tinham que usar tudo o que é público, fossem proibidos de usar as coisas privadas, quem fosse funcionário público e principalmente governantes tinha que usar 100% coisas públicas, transporte público, hospital público, escola pública, tudo. Eu acredito, é duro falar assim, mas não tinha que ter escola particular, mas é aquela pessoa que tem condição que quer um ensino melhor para o seu filho, ele não vai colocar lá? Apesar que ele também investiria na pública para melhorar, mas é muito difícil de mudar isso, de se impor isso, agora vai ser assim, não tem que vir das bases né, procurar saber que você vai colocar lá porque se a base é a família, família que eu falo assim não é um homem e a mulher ali tal, família para mim são aquelas pessoas que passam valores mesmo, você tem que respeitar o seu amiguinho, não é porque ele é negro que você vai ficar chamando ele de negrinho, ele é mesma coisa que você, não é porque ele é índio que ele não sabe falar, não é porque

¹⁰ Nilton tem vinte e cinco anos e é natural de Pintadas/BA, reside em Américo Brasiliense há vinte e um anos. Solteiro. Filho de uma costureira (ensino fundamental incompleto). Possui o ensino médio completo (escola pública) e é servidor público. (Santos, 2021).

ele mora na roça que ele não entende nada, sabe, ensinando esses valores de educação, de respeito, porque é para vir da base forte, quando chegar lá na escola o professor conseguir passar o conteúdo dele, passar um pouco da história de vida dele, o professor querendo ou não o papel dele é esse, é preparar o aluno para o futuro, para ele saber como ele vai ser um adulto, então eu acredito que é mais isso mesmo. (Trecho do depoimento de Nilton, realizado em fev/2020).

Nilton acredita que a política deveria ser realizada apenas por pessoas qualificadas para os cargos e que não deveriam existir tantas instituições privadas de saúde e educação por exemplo, motivo que levaria os políticos eleitos a fazerem uso dos dispositivos públicos mantendo assim a boa qualidade dos mesmos através de maiores investimentos.

Ailton também acredita que a política deveria ser construída a partir de maiores investimentos:

Acho que se a gente não investir pesado, pesado mesmo em educação e não ter cortes como a gente está tendo, não vai para a frente, vai continuar o mais do mesmo. Vai continuar aquele cara que recebe uma educação melhor porque tem dinheiro, o cara vai para a faculdade pública utilizar de um bem público. Não que ele não deve usar, tem que usar, mas ele vai continuar sendo beneficiado. Talvez ele nem utilize a graduação que ele se prestou a fazer, fez porque ele tem que ter um nome, um status de estar graduado. Diferente de quem realmente tem um sonho, uma vontade de ser um médico, de ser um professor, um engenheiro, um advogado, então ela mexe tanto com tudo isso que parece um filme triste, uma história bem triste. (Trecho do depoimento de Nilton, realizado em fev/2020).

O discurso de Ailton se manteve ligado às questões de desigualdade social. No discurso de Carlos sobre como deveria ser a política não encontramos uma proposta, mas uma afirmação de tom pessimista, tônica de todos os seus discursos sobre a temática:

O meu ponto de vista é esse, infelizmente o nosso maior problema é a corrupção aliás, e não vai mudar, como eu disse infelizmente está entranhada a nossa cultura. Eu acho que não, não tão já, não porque nós somos o espelho das gerações futuras, infelizmente. (Trecho do depoimento de Carlos, realizado em dez/2019).

A percepção de Elias sobre como a política deveria ser, apresenta um diálogo – no sentido de uma homologia (Bourdieu, 2004) – com a concepção de uma democracia representativa, em que os participantes do sistema político, eleitores e eleitos, mantêm uma relação de representação e cumplicidade no que diz respeito

à formulação de propostas por parte dos candidatos e da escolha dessas propostas por parte dos eleitores:

Eu votei em você, você vai me representar lá, mas de verdade, entendeu, sem interesse, eu não quero toma lá dá cá, eu não vou fazer conchavo para o cara ganhar, para empreiteira ganhar, para poder fazer isso e aquilo, entendeu, você não viu a Friboi, esses escândalos aí, a política seria isso aí, seria isso aí, as pessoas para comandar o país porque o país é muito grande, tamanho continental, não tem como você governar o país se não tiver os representantes que estão lá entendeu, é por isso que fala que a federação como que é? República confederativa do Brasil, não é isso? Mas quem que vai me representar lá? Seria você cidadão que eu votei, te dei um voto, mas desde que você honrasse isso aí entendeu, o que não acontece. (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

A seguir ampliaremos essa discussão sobre como deveria ser a política institucional para os interlocutores, tendo em vista o contexto local, pensando sobre o município em que vivem, e o contexto nacional.

Como a política deveria ser: o contexto local

Sobre como deveria ser a política pensando o contexto local, Ailton afirma:

Eu escutaria mais as pessoas, porque às vezes a gente acha que a cidade tem um problema que está ali, que está um círculo perto das pessoas com quem a gente convive, mas a gente não sabe a realidade da cidade inteira, das outras pessoas, o que elas necessitam, sei lá! Às vezes tem um bairro que o pessoal só quer asfaltar a rua, tem aqui o bairro mais próximo do nosso, o que o pessoal precisa é do mínimo que é um esgoto, um asfalto na frente de casa. São nesses tipos de coisa que às vezes eu acho que as prefeituras em várias cidades pecam, não só perto das eleições, mas uma coisa corriqueira, um trabalho em conjunto com os próprios vereadores, porque tem bastante gente parada ali. (Trecho do depoimento de Ailton, realizado em nov/2019).

Segundo Ailton, para quem a política deveria expressar a busca do bem comum, no contexto local ela deveria ser construída e mantida através do diálogo contínuo entre eleitores e políticos eleitos, para que as demandas dos eleitores estivessem na pauta das ações desses políticos.

O discurso de Carlos sobre como deveria ser a política local extrapola o contexto do município, e diz respeito a um trabalho de conscientização do eleitorado

em geral, para que esse possa compreender seu papel no sistema político e o peso que sua escolha tem para a política de um modo geral.

Eu acho que deveria ter uma conscientização maior em termos do municipal e do estadual. Ninguém investe nisso, eles obrigam o cidadão a ir votar você é obrigado a ir lá, mas não existe uma divulgação maior da mídia sobre o que é o voto, o poder do voto, apesar de estar todo dia falando sobre isso, toda a semana essa guerra no congresso, mas você não vê esse tipo de informação. (Trecho do depoimento de Carlos, realizado em dez/2019).

A ideia de Elias sobre como a política local deveria ser, se aproxima da ideia de um diálogo entre representantes e representados proposta por Ailton:

Em nossa cidade, eu vejo, vamos supor assim, como candidato a vereador certo? Você é representante do povo e teria que passar, ou se ele não passasse, alguém passasse por ele, perguntando as dificuldades que tem no bairro. Não prometendo eu vou te dar uma telha, o problema que tem no bairro, aqui iluminação, aqui buraco, aqui no hospital público está faltando remédio, para o cara conhecer os problemas que tem na cidade, entendeu? A enxurrada desse muito aqui, tem buraco, está tendo infestação de escorpião, dengue, está faltando remédio. Deveria estar próximo do povo para saber o que acontece, mas ele fica distante, e se ele é toma lá dá cá, ele está pouco preocupado em conhecer o que acontece de fato na cidade. (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

A ideia de um diálogo entre políticos eleitos e eleitores também está presente no modo pelo qual Helena acredita que deveria ser a política local:

Eu acho que primeiro de tudo você tem de ver o que está sendo feito, o que que foi feito, se tem algum projeto em andamento, se não tem você vê as demandas da sociedade. Agora como você vai ver isso? Não é indo de casa em casa, acho que você tem que ter alguma coisa já estruturada. Então você vai ver se tem algum líder de algum bairro, de associação de bairro ou alguma coisa, ver essas demandas, se elas já são ou vão ser atingidas por algum projeto em andamento, se serão sanadas, ver o que que é ruim, o que que não é. Agora se eu teria perna para fazer isso e se isso é meu dever, eu também não sei, mas eu acho que pelo meu perfil de tentar controlar tudo seria nesse sentido. E ai tentar fazer um programa de governo voltado para isso só que, o que eu acho que tem que ter continuidade daquilo que era, para melhorar, porque se você em cada governo você não tiver isso você não passa nada para frente porque em quatro anos uma coisa grande ela não se desenvolve e se você também não começar nunca vai desenvolver

então o negócio é complicado. (Trecho do depoimento de Helena, realizado em mar/2020).

A proximidade entre as ideias de Ailton, Elias e Helena fica por conta da necessidade do diálogo. Quanto ao modo de se garantir esse diálogo, Ailton diz que o mesmo deveria ser instituído por meio de um programa de governo que envolveria a comunidade civil organizada e o governo eleito. Helena também diz que a política deveria ser de continuidade entres os governos, deixa evidente a necessidade de projetos que resistam às gestões quadrienais.

Para Nilton, a política no contexto local deveria ser realizada por pessoas com um preparo adequado para isso, como em seu discurso anterior sobre a temática em que defendeu a necessidade de uma formação específica para que as pessoas pudessem pleitear cargos políticos:

Eu acredito que tinha que ser igual aos exemplos que a gente vê na internet, sabe o prefeito? Essa sempre foi a visão que eu tive, nenhum governador tinha que ter o direito de plano de saúde, eu acho que deveria ser proibido. Os nossos governantes e políticos deveriam usar o SUS por quê? Porque se ele usasse o SUS ele iria querer o melhor atendimento para ele. Eu acredito que um bom governante, um bom candidato é aquele que está no meio do povo, que entenda lógico sobre leis, sobre cultura, porque não adianta nada é isso o Zé da esquina que é humildão que gosta de tudo mundo, que ajuda as crianças mas ele não entende de lei, ai chega lá ele fala assim: não nós vamos fazer tal coisa, ai dá uma improbidade pública ali gasta um dinheiro, eu acredito que tem que ser uma pessoa que sabe dos problemas da população que quer ajudar a população, mas que saiba como fazer isso também. (Trecho do depoimento de Nilton, realizado em fev/2020).

A ideia do diálogo contínuo como prática política no contexto local aparece também no discurso de Otávio¹¹:

Olha eu acho que seria assim uma política mais aberta, com bastante diálogo, sei lá uma comunicação melhor com todos os habitantes da cidade. Criaria assim um canal de diálogo entre o prefeito e vereadores com os habitantes da cidade, mas assim um diálogo, um canal assim, está faltando água aqui, por que que está faltando água nesse bairro? Entendeu? Vamos lá resolver. É assim que eu acho que deveria ser, entendeu? (Trecho do depoimento de Otávio, realizado em jan/2020).

¹¹ Otávio tem quarenta e um anos e é natural de Américo Brasiliense. Funcionário público. Filho de um mecânico em manutenção e de uma dona de casa (ambos com ensino fundamental incompleto). Casado, pai de duas filhas (cursando respectivamente o ensino médio e o fundamental). Possui ensino médio técnico. (Santos, 2021).

Assim, diante dos sentidos presentes em cada discurso formulado pelos interlocutores, temos de forma sintetizada que a política institucional no contexto local deveria ser construída tendo em vista: i) A continuidade dos projetos iniciados pelas administrações anteriores; ii) A qualificação formal em política dos candidatos; iii) A qualificação formal em política dos eleitores; iv) Um programa de governo que estabeleça e garanta de forma efetiva o diálogo entre os políticos eleitos e os cidadãos do município, tendo em vista a resolução das demandas apresentadas pelos últimos.

Essa seria uma agenda para a política local segundo o senso político profano dos interlocutores dessa pesquisa. Uma agenda política não reconhecida pelos agentes do campo político, mas que representa as demandas e os discursos políticos que concorrem, em uma relação desigual, com os discursos políticos reconhecidos como legítimos pela ação do campo político no contexto municipal.

Como a política deveria ser: o contexto nacional

Seguindo a mesma lógica apresentamos agora o modo pelo qual os interlocutores entendem que deveria ser a política em um contexto nacional. Iniciamos esse momento com a fala de Helena, que afirmou nunca ter pensado sobre essa temática: “Nossa eu nunca pensei sobre isso (risos) sinceridade”. (Trecho do depoimento de Helena, realizado em mar/2020)

O discurso de Ailton é mais direto e aponta a situação do desemprego e da segurança pública como os maiores problemas a serem enfrentados em âmbito nacional:

No nosso país, eu acho que poderia, é que é difícil você pegar a um país, mas acho que poderia seguir a linha de raciocínio [do programa de diálogo entre político eleito e eleitores] filtrando as cidades maiores de população, hoje o maior medo da população é o desemprego, que está crescendo, a segurança, é, acho que essas são duas formas de você ajudar um pouco a melhorar a vida das pessoas, é segurança, é melhorar as condições de emprego tanto para quem emprega quanto para quem é empregado por que não adianta você dar emprego e dar R\$ 500, 00 para ela se virar durante o mês que não vai adiantar, então você tem que dar condições para emprego, para ele não ser demitido daqui a dois meses por causa da crise, né, que tanto se fala, e dar segurança, segurar a empresa no país, vamos dizer em questão de multinacionais por exemplo várias ai pararam, fecharam as portas, sei lá fazer um, sei lá um, a gente não cobra imposto sei lá, durante dois anos a empresa fica aqui a gente tenta trabalhar de uma outra forma de arrecadação para não perder esse dinheiro, para o país não sofrer tanto mas nós vamos manter o pessoal trabalhando, está rodando dinheiro, a gente só pensa de um lado da frente, a gente só

pensa do lado, então hoje a gente só pensa do lado da empresa, não pensa do lado do empregado, das pessoas que fazem o dinheiro no país. [Quem são eles?] Eles são, eles são os donos de empresas, empresários, os próprios políticos que muitas vezes têm poder para fazer esse tipo de mudança, e nós somos nós, trabalhadores em geral. (Trecho do depoimento de Ailton, realizado em nov/2019).

A percepção da diferença de classe, mais precisamente da diferença entre as classes sociais no país é uma constante nos discursos formulados por Ailton. Aqui ela aparece quando ele faz menção a diferença de poder entre os grupos que nomeia por “eles”, os donos de empresas, empresários e políticos, e por “nós”, os trabalhadores.

Essa ideia de uma diferença de poder se faz perceber quando ele fala sobre a capacidade de gerar mudanças efetivas no cenário por ele descrito, Ailton conclui seu discurso afirmando que:

A política que está sendo feita hoje, ela só vem continuando de muito tempo, desde antes do Brasil entrar nessa questão de democracia. Ela só veio mudando de forma, entendeu? Ela veio mudando de forma, muda o personagem, muda a característica, mas a forma de você violar os direitos do outro continua sendo a mesma, entende? Acredito que cada governo trouxe um pouquinho de melhora, a gente também não pode ser hipócrita e dizer que o Brasil não andou, melhorou, subiu, mas a gente não pode falar que o Brasil está mil maravilhas! Isso é o que está sendo dito, que o Brasil está sendo respeitado, que está sendo orgulho, isso é pura hipocrisia! A gente não tá conseguindo vender carne para a China! Você viu a última reportagem? O presidente dos E.U.A boicotou a nossa carne! A gente é um dos países que mais trabalha em cima do agrícola, trabalha com tudo, é o primário, a parte primária nossa de produção é muito boa e a gente não está conseguindo desenvolver. A gente não está conseguindo crescer em cima disso, então nossa balança comercial vai lá embaixo, sobe o dólar, o valor da nossa moeda diminui. (Trecho do depoimento de Ailton, realizado em nov/2019).

Para Ailton a política praticada em nosso país está muito distante da noção de política enquanto busca por um “bem comum”. E, segundo ele, essa distância entre o que é a prática política nacional e o que ela deveria ser não é uma particularidade do contexto contemporâneo, mas se arrasta historicamente desde tempos anteriores à república, “[...] desde antes do Brasil entrar nessa questão de democracia”. (Trecho do depoimento de Ailton, realizado em nov/2019).

Na percepção de Ailton a política que vem sendo praticada a nível nacional é uma política de violação dos direitos dos menos favorecidos que não são o alvo das políticas públicas como deveriam ser.

Essa falta de atenção em relação aos menos favorecidos por parte da política praticada também está presente no discurso de Carlos sobre como deveria ser a política em âmbito nacional. Carlos destaca também a necessidade de uma política que se volte para questões de saúde e segurança pública:

Eu acho que nossos candidatos deveriam pensar em menos poder, menos neles e começar a olhar um pouco mais para o povo que elege eles. Isso não acontece né? Ou pelo menos avaliar umas políticas públicas de saúde de segurança que estão bem abandonadas. (Trecho do depoimento de Carlos, realizado em dez/2019).

Elias, ao falar sobre como deveria ser a política no contexto nacional, manteve a mesma ideia que apontou ao falar sobre o contexto local, a necessidade da construção de um mecanismo efetivo de diálogo entre políticos eleitos e eleitores.

Seria quase igual ao que eu falei para você, vamos supor assim, o cidadão tem um ramal de informação, não é todos que vão ter acesso a esse ramal de informação, mas ele conhece a miséria que acontece, nós estamos num país que tem muita gente que não tem conhecimento das mazelas que acontecem em nosso país. Vamos supor assim eu trabalhei, sempre trabalhei envolvido na maioria das vezes com pessoas que transportam as coisas, o cara fala, bom, é lá no Belém, bom é lá em Minas, bom é não sei onde lá, é muito bom, demais, por causa de que? Isso aí, alguma vez mostrou, mas pouca coisa, é prostituição infantil entendeu? Tem pai que leva a filha a troco de R\$15, R\$20 reais. Imagina a miséria que não é um lugar desse entendeu? A pessoa tem que olhar assim, hoje não vai dizer que não tem conhecimento, tem conhecimento, mas ninguém faz nada, as pessoas têm conhecimento de fazer de verdade, mas como a gente vai achar pessoas desse tipo? Eu faço uma pergunta para você, você acredita nisso? Que tenha pessoa que vai defender a pessoa, os fracos que precisam de ajuda, acredita? (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

Na percepção de Elias, nosso país é marcado por uma imensa miséria que é muito pouco conhecida pela população nacional por conta das dimensões territoriais do país. Uma das funções desse mecanismo de diálogo seria tornar essa situação de extrema miséria conhecida por todos os cidadãos brasileiros. Uma segunda função desse mecanismo de diálogo seria possibilitar que as mazelas sociais – como as situações de prostituição infantil – decorrentes desse quadro de miséria pudessem ser denunciadas e enfrentadas legalmente.

Elias é um dos interlocutores que não acredita mais na política enquanto sistema institucional. E um dos que defende em seus discursos a necessidade de uma educação política formal como parte da grade curricular das escolas. Essas duas características aparecem na parte final de seu discurso:

Porque assim, quem você vai falar assim esse aqui é o carinha? É difícil, eu não acredito mais, não acredito porque a miséria é muito grande, ninguém expõe isso! Ninguém fala assim, agora vamos expor a mazela do Brasil! Olha aqui tem gente levando o filho para fazer isso, fazer aquilo! Tem o promotor que vai lá, briga para defender essas pessoas porque é crime, mas vamos expor a miséria aqui, aqui as pessoas estão abaixo da linha da pobreza, o que nós podemos fazer? Ou será que se a gente dar um bolsa família vai resolver? Não! Tem que dar conhecimento para o cidadão. O cara que queria levar conhecimento? Eu não acredito que o cara vai querer dar o conhecimento para o cidadão, porque enquanto as pessoas não têm conhecimento elas são marionete, entendeu? Marionete! A mesma pessoa que vai votar nele! Tem que ser marionete, aí sim! Aí está bom, porque você vota nele e o que ele fizer está feito. Eu não acredito mais. (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

Nilton afirma que a política em âmbito nacional deveria ser pensada a partir da ideia de que “se você quer governar, tem que ser para o povo” (Trecho do depoimento de Nilton, realizado em fev/2020) e não a partir dos interesses dos políticos eleitos. Ele também destaca a importância de discussões políticas que apresentem para a população as consequências boas e ruins das ações realizadas pelos governantes, para que a população tenha consciência do porquê essas coisas estão acontecendo:

Eu acredito que nesse mesmo seguimento, porque não adianta nada ficar nesse negócio de mascarar. Igual voltando a falar da previdência um lado ficava querendo mostrar o lado que você tem que aprovar, mostrar só as coisas boas, só as coisas boas e tal, eu acho que não, eu acho que você tem que mostrar as coisas boas e falar também um pouco do reflexo das coisas ruins e a que estava contra só falava as coisas ruins, não falava nada de bom, não falava que tinha que aprovar infelizmente por causa disso, disso, disso, que estava virando uma bola de neve, e ficava essa briguinha, ninguém estava governando nada é eu acredito que se você quer governar, tem que ser para o povo, não para você mesmo. (Trecho do depoimento de Nilton, realizado em fev/2020).

O discurso de Otávio sobre como deveria ser a política no contexto nacional passa pelo fim da corrupção. Otávio acredita no sistema político nacional e afirma que o fim da corrupção faria com que nosso país caminhasse para se tornar um país ideal.

[Como você acha que deveria ser a política em nosso país?] Olha se não tivesse corrupção e aquele jeitinho brasileiro para aprovar algumas verbas, algumas

coisas, aqueles, principalmente aqueles, corrupção, se não tivesse corrupção eu acho que seria o primeiro passo para um país ideal. [Você acha a corrupção um grande problema?] Um grande problema, eu creio que sim. Sem a corrupção você resolve sei lá uns 80% dos problemas do Brasil. (Trecho do depoimento de Otávio, realizado em jan/2020).

Assim, podemos dizer, a partir do senso político dos interlocutores dessa pesquisa, que a política no contexto nacional deveria ser construída tendo em vista: i) Políticas públicas que proporcionassem melhorias nas áreas de saúde, segurança pública e trabalho; ii) Um programa de governo que estabeleça e garanta de forma efetiva o diálogo entre os políticos eleitos e os cidadãos de todas as regiões do país, tendo em vista a resolução das demandas apresentadas pelos últimos, principalmente as situações de extrema miséria; iii) Um programa de enfrentamento efetivo das situações de extrema miséria que existem no país, assim como das mazelas sociais que decorrem delas; iv) A qualificação formal em política dos candidatos; v) A qualificação formal em política dos eleitores via currículo escolar; vi) Um programa de combate à corrupção que existe no sistema político nacional.

Desse modo, como na discussão sobre como deveria ser a política no contexto local, temos uma possível agenda para o contexto político nacional que não passa pelos filtros legítimos do campo político do país, mas que não pode ser confundida com o produto de manipulações, por parte dos agentes profissionais do campo político, sobretudo porque essas demandas expressam um pensamento político reflexivo que está além das regras reconhecidas como legítimas nesse campo social.

O senso político profano como prática política

Por essa perspectiva, através da análise dos discursos aqui apresentados, foi possível perceber as distintas possibilidades do pensar-fazer político que seriam a expressão do senso político de cada interlocutor. Ela também nos permite afirmar que esses discursos são políticos uma vez que materializam o “problema político mais fundamental” (Bourdieu, 2007, p. 391).

Essa afirmação é possível na medida em que a análise desses discursos nos possibilitou perceber como as disposições (Bourdieu, 1983b) resultantes das experiências de suas trajetórias (Bourdieu, 2011a) individuais podem ser transformadas em um discurso político formulado fora da lógica ordinária do campo político nacional, mas que estabelece um diálogo reflexivo com algumas das dinâmicas que estruturam esse mesmo campo.

Aqui nomeamos de senso político profano esse pensar-fazer político dos interlocutores que é formulado – muitas vezes em diálogo com os bens simbólicos

produzidos pelo campo político – e experienciado – fora das rotinas que estruturam o campo político nacional – no dia a dia, uma vez que os interlocutores dessa pesquisa não possuem filiação partidária e nem prestam serviço a nenhum partido ou instituição política. Sendo assim, os interlocutores estão fora do jogo ordinário do campo político nacional, mas tomam contato com ele em momentos em que atuam, através da possibilidade do voto, como eleitores profanos ao campo.

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que esse pensar-fazer político, entendido como expressão do senso político profano, escapa à análise de um sistema político normatizado e institucional, uma vez que se localiza num contexto prático-discursivo em que são construídas as mediações entre a política institucional, eleitoral e partidária – o campo político nacional – e a demanda dos agentes politicamente situados no cotidiano.

Essa mediação orquestrada pelo senso político estabelece “um campo de relações simultaneamente prático e discursivo no qual são propostas comparações, traduções e a codificação de sistemas de diferenças” (Arruti; Montero; Pompa, 2012, p. 27) entre um pensar-fazer político normalizado pelo campo político nacional e um pensar-fazer político experienciado a margem desse espaço social, e por isso ela torna-se capaz de desvelar:

[...] a representação mais ou menos explícita e sistemática que o indivíduo tem do mundo social, assim como da posição que ocupa e “*deveria*” ocupar nele; e os discursos políticos, quando existem enquanto tal, limitam-se a ser, na maior parte das vezes, a expressão mais ou menos eufemizada e universalizada – e sempre irreconhecível para quem o pronuncia – dessa representação. (Bourdieu, 2007, p. 424, grifos do autor).

Nesse sentido o senso político profano seria uma prática política e para sustentar essa inferência apresentamos o que se segue a partir do discurso de Ailton sobre o que seria a política:

Quando você fala de política é legal lembrar que a gente não está fora da política, né? Eu gosto muito de falar disso, porque eu me sentia fora da política. Então a gente, o ser humano é político e quando a gente se depara com isso a gente tem um choque de realidade. Eu tive entendeu? Então tudo o que a gente for fazer a gente tem que entender que a gente vai estar melhorando a vida de alguém ou piorando a vida de alguém. Então eu acho que é muito importante ser falado, ser discutido, ser lembrado, porque a nossa ação não vai só terminar no voto né? Ela vai começar no voto e vai ser um ciclo onde a gente pode fazer uma escolha boa ou uma escolha ruim e não tem volta, muitas das coisas não têm volta. (Trecho do depoimento de Ailton, realizado em nov/2019).

A percepção de política apresentada por Ailton, nos permite atribuir a noção de política uma dimensão prática que extrapola as dinâmicas do campo político nacional, uma vez que esta prática política estaria presente em todas as ações realizadas no dia a dia das pessoas e não apenas vinculada à participação nos pleitos eleitorais e às atividades governamentais e partidárias.

Essa dimensão prática da noção de política é expressão do senso político profano, e não pode ser classificada como resultado de uma relação de manipulação ou como ação de simples conformidade diante do contexto de sua produção.

A dimensão prática da política presente no discurso de Ailton – e que também se faz presente nos discursos dos demais interlocutores – permite tratar a noção de política como uma categoria etnográfica, tendo em vista os diferentes valores e significados que podem ser ligados a ela. Na medida que entendemos que a ação prática seria:

[...] ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialéctica entre uma situação e um *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações* – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas. (Bourdieu, 1983a, p. 65, grifos do autor).

O discurso de Elias sobre o que deveria ser a política é um bom exemplo dessa diversidade de significados que compõe as percepções práticas sobre a política:

Política seria assim, os representantes né? Você escolhe. Eu vou votar em você para representante. Você vai lá defender o que você propôs. Eu propus que vou trazer mais médicos, mais segurança, mais isso, mais aquilo. Um representante do povo junto ao governo, porque você não vai conseguir falar com o Dória, não vai conseguir falar com o Bolsonaro, quem que vai representar você? O cara que você votou, que você elegeu. Eu votei em você, você vai me representar lá, mas de verdade entendeu? Sem interesse. Eu não quero toma lá dá cá. Eu não vou fazer conchavo para o cara ganhar, para empreiteira ganhar, para poder fazer isso e aquilo entendeu? Você não viu a Friboi esses escândalos aí? A política seria isso aí, as pessoas para comandar o país, porque o país é muito grande, tem tamanho continental, não tem como você governar o país se não tiver os representantes que estão lá, entendeu? É por isso que fala que a federação como que é? República confederativa do Brasil não é isso? Mas quem que vai me representar lá? Seria você cidadão que eu votei, te dei um voto, mas desde que você honrasse isso aí entendeu? (Trecho do depoimento de Elias, realizado em dez/2019).

Elias não tem nenhuma formação política em sua trajetória. Pelo contrário, afirmou que nunca lhe ensinaram nada sobre a política do país e que tudo o que ele compreende por política advém de suas experiências de vida. Porém, mesmo sem uma educação política, ele descreve à sua maneira o que facilmente pode ser entendido como o funcionamento do sistema democrático representativo brasileiro.

A linguagem utilizada por Elias não é a linguagem política reconhecida e legitimada pelos agentes do campo político. Os termos utilizados por Elias não são os termos técnicos presentes nas falas de agentes do campo político ou nos discursos veiculados por esse campo.

O discurso de Elias é sem dúvida a expressão de um senso político construído a partir de uma trajetória individual que não teve contato com as regras normalizadas da política institucional. Um senso político que é capaz não só de entender, mas também de explicar – em certa medida – o funcionamento da política reconhecida como legítima em nosso país.

O discurso de Elias, assim como os discursos formulados pelos interlocutores ao longo dessa pesquisa, ou seja, as práticas discursivas desses interlocutores permitem uma aproximação, por homologia (Bourdieu, 2004), entre o senso político aceito como legítimo – praticado dentro das regras normalizadas pelo campo político nacional – e o senso político profano – praticado à margem das regras desse campo.

Essa aproximação permite apontar uma particularidade da lógica que configura e caracteriza o contexto político no país, uma vez que a ideia de uma relação de desajuste entre o senso político legítimo e o senso político profano – se apresenta mais como uma relação de homologia (Bourdieu, 2004) – e por isso, inviabiliza a ideia de uma manipulação do eleitorado – entre esses dois modos particulares de pensar-fazer política.

Através dessa característica percebida podemos apontar – ainda que enquanto uma possibilidade – para existência de “uma semelhança na diferença” (Bourdieu, 2004, p. 170) quando pensamos sobre as particularidades de um pensar-fazer político profano em relação ao pensar-fazer político em meio às regras e normas do campo político nacional.

Considerações finais

Para finalizar a reflexão aqui apresentada, retomamos a questão que norteou o objetivo de pesquisa que a possibilitou: as práticas políticas produzidas no dia a dia por agentes leigos ao funcionamento do campo político nacional escapariam ou não aos efeitos de encerramento simbólico produzido por esse mesmo campo? E diante dos discursos políticos apresentados e das análises realizadas, podemos dizer que sim. As práticas políticas decorrentes do senso político profano escapam a esses efeitos de encerramento simbólicos.

Essa afirmação não tem como finalidade colocar o senso político profano como autônomo diante das discussões que permeiam o contexto do campo político nacional, uma vez que:

O campo político propõe um universo de possibilidades políticas que, como tal, exerce, portanto, um duplo efeito: em primeiro lugar, ele favorece o efeito de *falsa identificação*, resultante do fato de que o mesmo implícito pode ser reconhecido nas diferentes formas do “já-explicitado”, em segundo lugar, ele tende a produzir um *efeito de encerramento* ao considerar tacitamente o universo das possibilidades realizadas como o universo das possibilidades possíveis e, assim, delimitar o universo do *pensável politicamente*. (Bourdieu, 2007, p. 429, grifos do autor).

Essa afirmação tem por objetivo marcar que o pensar-fazer político resultante do senso político profano pode e escapa – dentro dos limites conformados pelas condições materiais de existência inscritas no *habitus* de cada agente – diariamente aos efeitos de encerramento daquilo que pode ser pensável politicamente (Bourdieu, 2007) estabelecidos pelo campo político nacional.

O pensar-fazer resultante do senso político profano dos interlocutores dessa pesquisa não só escapa a essa condição – as possibilidades de pensar o político delimitadas pela política profissional – como é capaz, ainda que por meio de uma relação de homologia (Bourdieu, 2004) com os discursos do campo da política nacional, de formular suas próprias demandas políticas.

Por isso respeitando a diversidade dos sentidos presentes em cada discurso formulado pelos interlocutores, faz-se possível apresentar, que a política no Brasil, segundo o senso político dos interlocutores dessa pesquisa, poderia ser construída tendo em vista: i) A continuidade dos projetos iniciados pelas administrações anteriores. ii) A qualificação formal em política dos candidatos. iii) A qualificação formal em política dos eleitores. iv) Políticas públicas que proporcionassem melhorias nas áreas de saúde, segurança pública e trabalho. v) Um programa de governo que estabeleça e garanta de forma efetiva o diálogo entre os políticos eleitos e os cidadãos de todas as regiões do país, tendo em vista a resolução das demandas apresentadas pelos últimos, principalmente as situações de extrema miséria. vi) Um programa de enfrentamento efetivo das situações de extrema miséria, assim como das mazelas sociais que decorrem delas. vii) Um programa de combate à corrupção no sistema político nacional.

Essa seria uma possível agenda para o contexto político nacional que não passa pelos filtros de reconhecimento do campo político do país, mas que não deixa ser uma agenda política por isso, e que não pode ser confundida com o produto de manipulações resultantes dos efeitos de encerramento daquilo que pode ser pensável politicamente (Bourdieu, 2007) por parte dos agentes do campo político, sobretudo

por que essas demandas expressam um senso político profano, um pensar-fazer político ambivalente, pragmático e reflexivo (Santos, 2021), que escapa das regras reconhecidas e legitimadas por esses campos sociais.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Mauricio; MONTERO, Paula; POMPA, Cristina. Para uma antropologia do político. *In*: LAVELLE, Adrian G. (Org). **O horizonte da política** – questões emergentes e agendas de pesquisa. São Paulo: Unesp/Cebrap, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011b, p. 193-216.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. *In*: ORTIZ, Renato (Org). **Bourdieu sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ Renato (Org). **Bourdieu sociologia**. São Paulo: Ática, 1983b.

CAETANO, Ana. **Pensar na vida** – biografias e reflexividade individual. Lisboa: Mundos Sociais, 2016.

CAETANO, Ana. **Vidas reflectidas**: sentidos, mecanismos e efeitos da reflexividade individual. 2013. 336 f. Tese (Doutorado em Sociologia), ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidade e Estados Brasileiros. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 nov. 2024.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOISÉS, José Álvaro; CARNEIRO, Gabriela Piquet. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. **Opinião Pública**. Campinas, v. 14, n. 1, jun. 2008. p.1-42.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Antropologia e a crise dos modelos explicativos. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 9, n. 25, p. 213-228, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8898>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SANTOS, Alexandre Aparecido dos. **Quem falou de política pra mim?** A política e o senso político de um ponto de vista etnográfico. Orientadora: PAOLIELLO, Renata Medeiros. 2021. 192f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2021.

Submetido em: 24/05/2024

Aprovado em: 17/10/2024